



Competências digitais: a utilização eficiente dos recursos

Maria da Luz Antunes^a, Paula Seguro-de-Carvalho^b

^a*Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa), Portugal, mluz.antunes@estesl.ipl.pt*

^b*Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (Instituto Politécnico de Lisboa), Portugal, paula.carvalho@estesl.ipl.pt*

Resumo

A Internet e o Google são parte integrante do percurso académico dos estudantes do ensino superior que privilegiam a rapidez de acesso em detrimento da eficiência e credibilidade da informação. A pesquisa em bases de dados pode afigurar-se, por vezes, complexa, o que leva a que os estudantes, na maioria dos casos, recorram à pesquisa em motores de busca. Na área da saúde existem inúmeros recursos disponíveis, mas os estudantes nem sempre os conhecem e, noutros casos, não sabem como utilizá-los de forma eficaz. Através de um questionário avaliaram-se as competências de literacia digital dos estudantes finalistas da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa. Da análise dos resultados concluiu-se que a aprendizagem de competências digitais tem um impacto positivo na confiança dos estudantes e que é fundamental que estes estudantes, futuros profissionais de saúde, saibam usar de forma eficaz, eficiente e ética a informação. Evidencia-se, ainda, o reforço do papel dos bibliotecários como elementos da equipa de aprendizagem.

Palavras-chave: Literacia digital, Literacia da informação, Competências, Ensino superior

Introdução

A geração atual é uma geração da Internet e, em particular, do Google. Em processo de aprendizagem prefere pensar, partilhar e pesquisar na Internet. Acredita que tudo se encontra na Internet, pouco importando a sua eficiência ou a sua correção; o que importa é que se encontre o que se pretende e rapidamente. E todas as ferramentas da web 2.0 são facilitadoras perante este fenómeno.

Na área da saúde, a plataforma mais utilizada é a da PubMed/MEDLINE; são hábitos da formação que se consolidaram no exercício. Mas existem outras igualmente úteis, como a Scopus, a *Web of Science*, a ScienceDirect e o Google Scholar (Tober, 2011). Os estudantes desta área são grandes utilizadores da Internet. Dados de 2006 revelam que 99% de profissionais de saúde norte-americanos usam a Internet e 95% motores de busca para a pesquisa de informação (Johnson, Chen, Eng, et al., 2008).

Os artigos científicos publicados em suporte eletrónico, por seu turno, são a base para o

conhecimento das atividades que orientam a prática clínica baseada em evidências. Os estudos também evidenciam que os profissionais de saúde pesquisam nos recursos digitais, em média, durante dois minutos e, se a resposta não for localizada, desistem daquele recurso (Yu e Kaufman, 2007).

Na mesma linha, também se constata que quem pesquisa na Internet é atraído pelas páginas que visualmente se assemelham às caixas de pesquisa do Google, i.e., de fácil utilização. Um estudo de 2011 constatou que os estudantes têm dificuldades em perceber a diferença entre conceitos como *abstract*, *full text*, *pdf* e *html*, apesar da atuação dos bibliotecários (Imler e Eichelberger, 2011). Já em 2002 também uma revisão da literatura referia a ocorrência de vários problemas na assimilação de conceitos mencionados nas *homepages* das Bibliotecas (Augustine e Greene, 2002); a confusão entre base de dados, catálogo e periódico era frequente.

Assim, o objetivo do presente estudo é avaliar a aquisição de competências de literacia digital dos estudantes finalistas das 12 licenciaturas da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa (ESTeSL), considerando, no futuro, a sua permanente atualização de conhecimentos e o exercício clínico baseado na evidência científica.

Metodologia

Desenhou-se um questionário a partir do *Google Docs* com o objetivo de identificar o conhecimento dos estudantes da ESTeSL relativamente aos recursos digitais disponíveis. O questionário era constituído por questões fechadas, com exceção de uma questão aberta de sugestões. Foi definido como público-alvo os estudantes finalistas das 12 licenciaturas.

O questionário foi construído em torno de três eixos: 1) a literacia da informação (com doze perguntas); 2) a investigação (com seis perguntas); e 3) as competências digitais (com dezoito questões). Foi divulgado entre os meses de abril e junho de 2015, presencialmente e por correio eletrónico.

Resultados e Discussão

Os estudantes encontravam-se em período de estágio quando o questionário foi divulgado, regressando à instituição somente à sexta-feira para as sessões de orientação tutorial. Assim, responderam ao questionário 101 em 464 estudantes (taxa de resposta de 22%): 27 do sexo masculino e 74 do sexo feminino. A média de idades foi de 22,8 anos.

A maioria dos inquiridos (59%) refere saber o que são competências em literacia da informação e também sabe que a Biblioteca tem desenvolvido estas sessões de formação, de que tomaram conhecimento principalmente através do *site* da ESTeSL (75%), mas também dos professores. Porém, do total dos inquiridos, 69% revelam que as sessões não foram convenientemente divulgadas, apesar da eficácia demonstrada pelo *site*.

As sessões de formação são benéficas para 73% dos inquiridos e 97% creem que, ao longo da licenciatura, devem adquirir competências de literacia da informação. Quem deve fornecer estas competências? Tanto podem ser os professores como os bibliotecários (67%), mas 26% individualizam a figura do profissional de informação.

A relevância do ensino das competências de informação integra-as nos tempos letivos (40%) ou no espaço dedicado à orientação tutorial (39%), ainda que deva ter um carácter opcional (52%).

Somente 18% encaram a possibilidade de lhe dedicar o seu tempo pessoal. Na opinião dos estudantes, as competências de literacia da informação devem ser adquiridas através de *workshops* (32%) e integradas no currículo académico (31%); o auxílio dos bibliotecários (14%) e os tutoriais digitais (13%) são outras opções de ajuda.

Para o desenvolvimento do trabalho de investigação, a Biblioteca continua a ser o local privilegiado para 91% dos inquiridos. Mas a regularidade da frequência não é famosa: 32% frequentam a Biblioteca uma vez por semana (a resposta não é surpreendente, atendendo ao período de estágio em que se encontravam); 33% fazem-no mensalmente; e somente 5% o faz diariamente. Mas 85% dos respondentes já recorreram à ajuda dos bibliotecários para a localização de informação relevante.

Quando inquiridos sobre se sabem definir um tópico de investigação, 91% dos estudantes respondem afirmativamente e 90% também sabem pesquisar a informação em resposta a uma questão de investigação. Na avaliação de um trabalho científico, 34% dos estudantes analisam a metodologia do estudo, 27% avaliam a interpretação dada aos resultados, 15% realçam a revista científica selecionada pelos autores para a publicação do trabalho, 10% ponderam os resultados obtidos no estudo, 7% investigam a relevância dos autores no meio científico, 5% dedicam a sua atenção à afiliação institucional dos autores e 2% não avaliam nada.

Os resultados revelam também que os estudantes sabem distinguir entre fontes de informação genérica e académica (76%); têm dúvidas acerca de conceitos como fontes de informação primárias e secundárias (72%); identificam motores de pesquisa associados a bases de dados e a plataformas científicas (91%); avaliam criticamente as fontes de informação (72%); sistematizam a informação proveniente de fontes diversas (67%) e citam corretamente essas mesmas fontes (84%).

Os estudantes consideram que as fontes de informação impressas da sua área científica existentes na Biblioteca são importantes (84%). Atribuem, porém, uma importância maior às fontes de informação eletrónica (95%). Quando questionados sobre a regularidade de acessos aos recursos digitais, 47% fazem-no diariamente e 33% duas ou três vezes por semana. Mas somente 39% dos estudantes ativaram o acesso VPN.

Para a pesquisa de informação científica, 80% usam uma base de dados, privilegiando a MEDLINE/PubMed (52%). Analisada a pesquisa do último trimestre, a MEDLINE/PubMed foi a base de dados mais procurada (89%); 86% creem que a sabem consultar, mas 36% não conhecem o *MeSH Database* e 30% não o usam. Em contrapartida, 91% dos inquiridos usam o Google por fatores diversos (Tabela 1).

Tabela 1. Razões para o uso do Google

Razões para o uso do GOOGLE
Rapidez, simplicidade e facilidade de acesso à informação
Facilita o acesso aos artigos a partir do <i>link</i> , do DOI, dos autores...
Acesso ao Google Académico
Esclarecimentos básicos, definições de dicionários...
Acesso ao artigo de forma gratuita
Direciona para outras bases de dados

Os estudantes são, deste modo, atraídos pelas páginas da Internet que visualmente se assemelhem às caixas de pesquisa do Google, i.e., de fácil acessibilidade e utilização, o que a

literatura confirma (Cothran, 2011). Mas revelam uma preocupação permanente sobre a pesquisa de informação, a qualidade do conteúdo apresentado e sobre as limitações dos *sites* em saúde. A pesquisa com a MEDLINE/PubMed, por exemplo, exige-lhes uma navegação através de uma lista cronológica de resultados, o que pode ser demorado; o acesso ao texto integral de um artigo pode implicar o pagamento de uma taxa e o artigo poderá nem fornecer a informação específica pretendida.

Com o seu *know how*, os bibliotecários conseguem, neste campo, ensinar a pesquisar em diferentes bases de dados e plataformas científicas, como formular a pergunta de investigação, como desenhar a metodologia. Os bibliotecários também podem estabelecer um bom diálogo com os *database vendors*, trabalhando comumente no sentido de melhorar os conteúdos das páginas *web*, tornando-as mais amigáveis para os estudantes dos vários ciclos. Os *websites* podem ser mais intuitivos, usar uma terminologia menos técnica e mais estandardizada e clara, até o *design* pode ser mais *clean*, opinião que se partilha de Imler e Eichelberger (2014).

As competências de literacia digital devem, assim, ser uma responsabilidade partilhada pela comunidade académica e não exclusivamente pela Biblioteca ou por quem ministra esses conteúdos. Os professores também podem adquirir as mesmas competências de que beneficiam os estudantes, mas com conteúdos pedagógicos aplicados à sua área; o papel dos bibliotecários sai, deste modo, reforçado como um elemento da equipa de aprendizagem (Purcell e Barrell, 2014).

A prática é fundamental no processo de aprendizagem e no desenvolvimento destas competências digitais. Quando usadas esporadicamente, os estudantes dificilmente serão autónomos. As competências de literacia digital devem ser adquiridas precocemente – logo no 1º ano da licenciatura – e os conteúdos reforçados ao longo do percurso académico.

Conclusões

Apesar da preferência por motores de busca simples, amigáveis e intuitivos, os estudantes da área da saúde admitem que os vários recursos eletrónicos desempenham papéis diferenciados, dependendo do tipo de informação pesquisada. Não excluem as suas bases de bases de referência, ainda que não as usem em toda a plenitude nem aproveitando todas as suas propriedades.

Os estudantes concluem que a aprendizagem de competências digitais produz um impacto positivo na sua confiança e na gestão do seu tempo.

As sessões de formação promovidas pela Biblioteca da ESTeSL visualizam já resultados positivos, na medida em que o ensino de recursos digitais adequados a cada nível reforçou a aprendizagem das matérias, mas também adequou a atitude e o comportamento ético dos estudantes no processo de pesquisa de informação.

Referências bibliográficas

AUGUSTINE, Susan; GREENE, Courtney (2002) – Discovering how students search a library Web site: a usability case study. *College & Research Libraries* [Em linha]. Vol. 63, N.º 4 [Consult. 15 fev. 2015], p. 354-365. Disponível na Internet: <DOI: 10.5860/crl.63.4.354>. ISSN 0010-0870.

COTHRAN, Tanya (2011) – Google Scholar acceptance and use among graduate students: a quantitative study. *Library & Information Science Research* [Em linha]. Vol. 33, N.º 4 [Consult. 9 abr. 2015], p. 293-301. Disponível na Internet: <DOI: 10.1016/j.lisr.2011.02.001>. ISSN 0740-8188.

IMLER, Bonnie; EICHELBERGER, Michelle (2014) – Commercial database design vs. library terminology comprehension: why do students print abstracts instead of full-text articles? *College & Research Libraries* [Em linha]. Vol. 75, N.º 3 [Consult. 05 fev. 2015], p. 284-297. Disponível na Internet: <DOI: 10.5860/crl12-426>. ISSN 0010-0870.

JOHNSON, Pamela; Chen, Jennifer; ENG, John; MAKARY, Martin; FISHMAN, Elliot (2008) – A comparison of World Wide Web resources for identifying medical information. *Academic Radiology* [Em linha]. Vol. 15, N.º 9 [Consult. 25 fev. 2015], p. 1165-1172. Disponível na Internet: <DOI: 10.1016/j.acra.2008.02.010>. ISSN 1076-6332.

PURCELL, Sarah; BARRELL, Rachel (2014) – The value of collaboration: raising confidence and skills in information literacy with first year Initial Teacher Education students. *Journal of Information Literacy* [Em linha]. Vol. 8, N.º 2 [Consult. 20 fev. 2015], p. 56-70. Disponível na Internet: <DOI: 10.11645/8.2.1917>. ISSN 1750-5968.

TOBER, Markus (2011) – PubMed, ScienceDirect, Scopus or Google Scholar: which is the best search engine for an effective literature research in laser medicine? *Medical Laser Application* [Em linha]. Vol. 26, N.º 3 [Consult. 20 fev. 2015], p. 139-144. Disponível na Internet: <DOI: 10.1016/j.mla.2011.05.006>. ISSN 1615-1615.

YU, Hong; KAUFMAN, David (2007) – A cognitive evaluation of four online search engines for answering definitional questions posed by physicians. *Pacific Symposium on Biocomputing* [Em linha]. [Consult. 03 mar. 2015]. Disponível na Internet: <URL: http://psb.stanford.edu/psb-online/proceedings/psb07/abstracts/2007_p328.html>. ISSN 1793-5091.